

O manto é meu: conflito e disputa entre torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo

The mantle is mine: conflict and dispute between organized fans of the Flamengo Regatta Club

Fernando Cabral Morselli Guerra

Recebido: 20.03.2018

Aceito: 28.05.2018

Resumo: O objetivo do artigo é contribuir para o estudo interdisciplinar em linguagem, antropologia, sociologia e política, tendo em vista conflitos entre torcidas organizadas de futebol. Para tanto, a observação dos membros e sua performance nas torcidas foi a estratégia para evidenciar sentimentos de pertença entre clube e torcida. Nesse sentido, adotamos análises situacionais dos eventos para identificar tipos de torcida, e entrevistas para tornar concretas narrativas, estórias e histórias. Deste modo, se apresenta o processo pelo qual o sentimento de pertença à torcida torna-se superior ao clube, por uma proximidade de identificação entre indivíduo e torcida, o que parece criar um sentimento de honra e superioridade, os quais devem ser defendidos para sua constante manutenção. **Palavras-Chave:** torcidas organizadas, flamengo, conflito, identidade, pertença

Abstract: The aim of this paper is to contribute to the interdisciplinary study on language, anthropology, sociology and politics, bearing in mind the analysis of the on-going conflicts between groups of organized soccer fans. In order to do so, the monitoring of members and their performance on fan clubs was the strategy to show evidences about feelings of belonging between the club and the fans. To this end, situational analyses of the events were adopted to identify types of supporters, and interviews were used to make up concrete narratives, stories and histories. In this way, it is presented the process in which the feeling of belonging to the fan club becomes superior to the club, due to proximity of identification between the individual and the organized supporters, which seems to create a feeling of honor and superiority, which must be defended for its constant maintenance. **Keywords:** organized fans, flamengo: conflict, identity, belonging

Introdução

O presente trabalho possui como ponto de partida, percepções verificadas pelo autor em suas muitas visitas ao Estádio Jornalista Mário Filho, o popularmente conhecido Maracanã. Que nutre o questionamento, - aqui o problema de pesquisa - acerca dos sentidos atribuídos e motivações das agressões mútuas realizadas por torcidas organizadas no interior de um mesmo time¹.

¹ Tal discussão pode ser lida na íntegra em: F. M. C. Guerra, *O manto é meu: Conflito e disputa entre torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo* (Especialização em Sociologia, Política e Cultura) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio, 2017.

O torcer pelo time de futebol em si, a instituição Flamengo tem parecido perder intensidade em detrimento ao sentimento de pertença às torcidas organizadas deste mesmo time, sugerindo fortes indícios de que as torcidas organizadas passam a mediar suas ações a partir de valores que até o início deste estudo, pareciam estranhos à compreensão de que apenas a partida de futebol seria o centro de atenção ali.

Isto viria a fomentar a hipótese, qual seja, de que o público de torcedores organizados partilha um conjunto de valores que com frequência podem estabelecer hierarquias e regras de convivência, e no limite engendrar conflitos variados. Para melhor compreender as formas de interação entre as torcidas organizadas, este trabalho buscará oferecer um leque de observações sobre quais seriam os valores presentes nos estádios que extrapolam e quem sabe até mesmo ressignificam o ato de assistir a uma partida de futebol.

A torcida do Clube de Regatas do Flamengo passa a ser um caso ímpar para análise quando reparamos que toda sua efervescência performática nas arquibancadas não é uníssona, como acontece costumeiramente na maior parte dos clubes de futebol. Enquanto a maioria dos Clubes de Futebol tem uma grande torcida organizada que dita os cânticos, funcionamento e atuação das arquibancadas, no Flamengo acontece algo contrário. Há nas arquibancadas uma constante disputa de canções entoadas ao compasso de diferentes torcidas.

Talvez esta constante competição seja a propulsão que gera o fervor, que faz a torcida não parar de cantar para não ser superada. Entretanto, se por um lado isto parece bom, por outro, a disputa sadia se converte em conflito com agressões físicas, com disputas censuráveis.

Mas nem sempre foi assim. Houve um tempo em que o Flamengo contava apenas com uma torcida organizada, e antes disto, com torcedores que se reuniam aleatoriamente a cada competição disputada pelo Clube do Flamengo. Clube este, que se hoje é lembrado pelo time de futebol, em tempos passados, navegava em outros mares.

Neste sentido, é preciso conhecer o percurso histórico do Clube de Regatas do Flamengo, para assim compreender a formação de suas torcidas e a sangria desatada de um Cesar apunhalado que estas vivem.

1 - Time e torcidas

1.1. Clube de Regatas do Flamengo

Como pode ser percebido no nome da instituição aqui em questão, o Clube de Regatas do Flamengo, inicialmente, não foi um clube criado com o intento de ser um time de futebol, quiçá participar de campeonatos deste esporte.

Nas décadas finais do século XIX, o esporte mais atrativo para a população brasileira era o remo e o Rio de Janeiro era permeado por inúmeros clubes dedicados as regatas que aconteciam semanalmente, aos domingos, em diversas praias da cidade.

Em meio a este cenário, seis amigos moradores do bairro Flamengo, local com a praia que tem o título de mais antiga da cidade do Rio de Janeiro, fundam em 15 de Novembro de 1885, o Clube de Regatas do Flamengo, com intuito de participar de competições deste esporte. Porém, nos primeiros anos do novo século, outro esporte começa a competir em número de adeptos e preferência dos espectadores. Os clubes de futebol começaram a tomar corpo e o esporte passou a se fortalecer como uma categoria menos elitista que o remo.

Em 1911 após um desentendimento interno entre os integrantes do Fluminense Football Clube, o jogador Alberto Borgerth propôs aos companheiros de Fluminense criar um time de futebol no Clube de Regatas do Flamengo, onde ele era atleta de remo. A proposta foi aceita por unanimidade e em 8 de Novembro daquele ano, inaugura-se o

Departamento de Esportes Terrestres Rubro-Negro. A nova equipe começa a chamar atenção por realizar seus treinos de forma aberta ao público, na praça do Russel, localizada no bairro de fundação do clube de regatas. Com isto, o time vai ganhando simpatizantes e admiradores fiéis. O Clube de Regatas do Flamengo começa então a ter notoriedade e seus admiradores se proliferam, como apontavam as análises da época.

Estes indivíduos eram classificados como admiradores pois até os anos 1940 não podemos chamar os torcedores reunidos em um jogo de futebol como torcida organizada, visto que o grupo se reunia nas arquibancadas aleatoriamente a cada partida, não tendo ligação entre os membros, ou qualquer tipo de conexão. A forma de torcer “organizadamente”, vem à tona com a chamada “Charanga Rubro-Negra” a primeira torcida organizada de que se tem conhecimento, não só no Flamengo, mas em todo o futebol brasileiro.

A Charanga Rubro Negra foi criada em 1942 por Jaime de Carvalho, e teve seu nome de batismo dado por Ari Barroso em seu programa de rádio. Jaime de Carvalho era agente de portaria do Ministério da Justiça e ia a todos os jogos com sua esposa. Esta assiduidade nos jogos fez com que o fundador adquirisse prestígio junto aos dirigentes do Flamengo, o que lhe possibilitou criar a torcida.

Todavia, mesmo com o prestígio do fundador da Charanga junto aos dirigentes do clube, a distância estrutural e hierárquica entre eles demonstrava-se consideravelmente grande. Jaime de Carvalho tinha um espírito cordial e conciliador, e reservava a sua torcida, torcer incondicionalmente pelo clube no estádio, proibindo até palavrões. Não intentava aquela torcida, pleitear mudanças na gestão da instituição Flamengo, mesmo que invariavelmente esta ação fosse necessária.

Depois de uma série de derrotas do time do Flamengo em 1968, instalou-se uma crise no clube e alguns torcedores viram-se na obrigação de cobrar mudanças na gestão do clube. Estes, retiraram-se da Charanga Rubro Negra e fundaram a Torcida Jovem do Flamengo.

1.2 Torcida Jovem do Flamengo

A Torcida Jovem do Flamengo (TJF), popularmente conhecida como Jovem Fla teve seu início em 6 de Dezembro de 1967, como dito, com membros dissidentes da Charanga Rubro Negra descontentes com os direcionamentos dados por Jaime de Carvalho a esta última. Estes membros dissidentes tinham como projeto principal a tentativa de engajamento no processo decisório dentro do clube, rompendo com o caráter apenas festivo das torcidas anteriores.

A torcida que habitualmente se posta atrás do gol, rebelou-se contra a má atuação do time e, na metade do segundo tempo, formalizou o seu protesto: rumou, espontaneamente, até o local onde se aglutina a torcida organizada do clube, sob o comando de Jaime de Carvalho — lado esquerdo das tribunas — e passou a vaiar com mais insistência o time. Jaime lançou o seu protesto de imediato, pedindo que os torcedores da ala jovem fossem realizar manifestações em outro local e até um contingente da PM foi chamado para retirar dali os que insistiam em abaixar suas bandeiras sobre o gradeado a meio pau, sinal de luto. (Hollanda, 2009, p. 195)

A torcida em questão é também conhecida como “o exército rubro-negro”² e tem como símbolo principal um tanque de guerra com três canhões³, seu lema é “nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo” e sua divisão é feita através de pelotões distribuídos em

² Uma contradição nesse sentido é a adoção do termo “Exército”. Na época de transição democrática, a alusão ao perfil militar era significativamente conservadora.

³ Estes canhões fazem alusão aos três gols que o Flamengo fez, quando foi campeão mundial de futebol.

diversos locais do país e do mundo. Como pode-se reparar através do símbolo (tanque de guerra) e da classificação das divisões (pelotões), a torcida se espelha em um universo militar, voltados ao enfrentamento, demonstrando que estão prontos para um eminente combate.

Tomando ainda para análise o seu lema (Nada do Flamengo, Tudo pelo Flamengo”), podemos reparar uma interessante contradição quanto ao seu modo de ação. Se levássemos este lema ao pé da letra, torna-se confuso compreender como e porque a Torcida Jovem atacava a Charanga Rubro-Negra, torcida que também só estava interessada em apoiar o Flamengo. Isto talvez nos indicaria que o traço de disputa hierárquica interna entre torcidas organizadas do Flamengo é preponderante

Mais turva ainda fica a análise quando descobre-se que os piores embates ocorridos nos últimos tempos, deram-se com uma torcida a qual, ainda que tenha fundação mais recente que a Torcida Jovem do Flamengo, é considerada “o maior movimento de torcidas organizadas do Brasil”. Neste sentido, atualmente, uma das principais torcidas rivais da Torcida Jovem do Flamengo, é outra torcida, também do Clube de Regatas do Flamengo, a saber: Raça Rubro-Negra.

1.3 Raça Rubro Negra

A Raça Rubro-Negra nasce em um período no qual novas torcidas organizadas eclodiam jogo a jogo no entorno, corredores e até mesmo nas arquibancadas do Estádio do Maracanã. As rápidas fundações se davam pelos mais variados motivos, muitas vezes por simples compatibilidade de ideias, passando por local de residência ou trabalho em comum, até orientação de gênero.

Em meio a este cenário, alguns torcedores recorreram a práticas não usuais à época para criar sua torcida organizada. Cláudio e César, fundadores da Raça Rubro-Negra, muito antes de sua fundação, passaram meses divulgando em rádios e jornais o intento da criação do que eles chamaram de “O maior movimento de torcidas do Brasil”. Por vários jogos foi possível ver nos corredores do estádio os cartazes que anunciavam a fundação próxima de uma nova torcida. No dia 24 de Abril de 1977, em um jogo contra o Clube de Regatas Vasco Da Gama, se reuniram nas arquibancadas os torcedores fígados pela “publicidade” de Cláudio e César. A estes, se juntaram integrantes dissidentes de torcidas organizadas que detinham certo prestígio na época, tais como a Flamar, Flachopp e até da própria Torcida Jovem do Flamengo. Estes indivíduos deram origem a Raça Rubro-Negra, torcida que ao contrário do que era comum na época, teve ascensão constante, atraindo mais torcedores a cada jogo.

A glorificação buscada pela Raça Rubro Negra dizia respeito a um retorno ao uníssono de cânticos, o apoio incondicional, a exaltação aos atletas e ao clube. A intenção era se desvencilhar do padrão de torcer da época que se constituía em permanecer durante todo o jogo sentado, levantando para aclamar o time apenas em momentos oportunos. A Raça Rubro-Negra é assim fundada com um intuito singular, como prova de que queriam inovar e “jogar” junto com o time, a nova torcida propunha-se a torcer pelo Flamengo em pé, apoiando o time durante todo o tempo que durasse a partida, agindo assim com raça.

Amparado nestes preceitos, forma-se, o símbolo da Raça Rubro-Negra, o qual se constitui de um punho cerrado rompendo o mapa do Brasil. Neste sentido, o punho cerrado faz alusão ao desejo de luta, resistência, vontade e sobretudo raça; quando este rompe o mapa do Brasil, intenta-se em demonstrar o poder soberano em todo o território nacional do maior movimento de torcidas do Brasil.

A forma inovadora de torcer da Raça Rubro Negra caiu no gosto de todo torcedor, fosse ele organizado ou não. Isto talvez possa ser entendido, de forma indireta

ou não, como uma investida contra a hegemonia da Torcida Jovem do Flamengo. O que, por sua vez, causaria um incômodo por desestabilizar o já posto.

A partir da década de 70 então, temos dois expoentes de modelos de torcida organizada do Clube de Regatas do Flamengo: De um lado a Torcida Jovem do Flamengo⁴, disposta a fazer duras críticas ao time, engajada em pleitear mudanças dentro do clube, interessada em ter voz e poder decisório nas ações referentes a investimentos e contratações. E, por outro lado, vemos a Raça Rubro Negra⁵ principalmente preocupada em apoiar o time, isenta de anseios críticos ao clube como instituição, não revoltosa quanto a resultados insatisfatórios. Ainda, se olharmos para seus símbolos, eram o exército e o punho do cidadão comum em intersecção.

Mesmo que aparentemente os motivos de empenho sejam díspares e os ideais surjam de formas diferentes, podemos aproveitar tais ações para compreendermos uma importante mudança ocorrida na forma como os indivíduos postos nas arquibancadas participam das partidas de futebol, nesta situação podemos reparar a passagem do perfil “espectador/torcedor”, para o perfil “torcedor organizado”.

2 - A pertença

Como visto na seção anterior, o torcedor organizado passa a ser parte fundamental em toda partida de futebol, sua importância toma proporções nunca vistas até então e o torcer passa a ter ares de festa performática com bandeiras, “bandeirões”, confetes, papel picado, movimentos sincronizados, mosaicos, dentre outros artefatos e gestuais possíveis.

Encontramos então, a festa nas arquibancadas como competição e não como mera expressão de sentimentos individuais de aflição, amor, paixão, medo e etc. O torcedor organizado passa a preparar o espetáculo muitos dias antes da data da partida e sua saída do estádio só se dá depois de guardar todos os artefatos utilizados. Ele não está mais ali apenas para assistir o comportamento do time dentro de campo, está ali também desempenhando um papel.

Neste sentido, vemos firmarem-se duas competições em um mesmo intervalo de tempo: o jogo de futebol dentro das quatro linhas e a competição entre torcidas nas arquibancadas.

A distância entre os dois espetáculos pode ser notada de inúmeras formas, quando estendem-se os chamados “bandeirões”⁶, estes cobrem toda a torcida e qualquer visão possível do campo onde transcorre o jogo é impedida; a visão também é dificultada quando são içadas as bandeiras⁷ e seus tamanhos avantajados impendem parcialmente a visão da partida de futebol; podemos reparar o desinteresse na partida quando notamos que toda torcida organizada tem membros que se posicionam de costas para o campo e tem a função de incentivar os outros integrantes a cantar sem parar, independente do que esteja acontecendo em campo. Os cânticos e performances também são realizados de forma autônoma, não tendo grande relação com o andamento do confronto dentro das quatro linhas.

Entretanto, se em relação ao jogo de futebol, abandonam-se expressões de sentimentos individuais em prol de um espetáculo performático organizado, estes se fazem fortemente presentes nas disputas estabelecidas nas arquibancadas. Ver-se membro de uma torcida organizada e não a outra, diz respeito a sentimentos individuais

⁴ Daqui em diante “TJF”

⁵ Daqui em diante “RRN”

⁶ Bandeira de grande proporções que cobre toda a torcida

⁷ Bandeira de tamanho médio, com cerca de 3m de altura e mastro feito de bambu.

que são responsáveis por gerar coesão grupal, caracterizando assim, os indivíduos como pertencentes aos vários grupos organizados.

Estes grupos organizados compõem o que de forma generalizada entende-se como “Nação Rubro-Negra”⁸. Entretanto, como já foi dito, não podemos tomar a torcida do Flamengo de forma genérica, visto que ela é composta por diferentes torcidas organizadas.

Assim sendo, parece necessário reformular o termo para “nações rubro-negras”, deste modo, no plural, podemos tomar o conceito de “Nação” do autor Benedict Anderson (2008) para tentar vislumbrar mais claramente o sentimento que envolve os integrantes das torcidas organizadas.

Para Anderson, a nação se caracteriza como uma comunidade limitada, soberana e, sobretudo, imaginada. Limitada porque por maior que ela seja, sempre existirão fronteiras finitas; soberana pois imagina-se laica e independente de uma dinastia ou ordem divina. E, finalmente imaginada, porque seus indivíduos, mesmo nunca conhecendo integralmente uns aos outros, compartilham signos e símbolos comuns, que os fazem reconhecer-se como pertencentes a um mesmo espaço imaginário. (Anderson, 2008, p. 32-43)

Torna-se necessário imaginar então, pois tal ação concede sentido de existência para os integrantes das torcidas organizadas. Esta imaginação, via de regra, está ancorada em sistemas simbólicos que se afirmam no interior de lógicas comunitárias afetivas que mobilizam os indivíduos em torno de um imaginário comum. Para Anderson, “*nações são 'imaginadas', no sentido de que fazem sentido para a 'alma' e constituem objetos de desejos e projeções.*” (idem, 2008, p. 10).

Deste modo, ao vestir a indumentária da torcida organizada que carrega seus símbolos (tanque de guerra com três canhões/punho cerrado rompendo o mapa do Brasil), ao balançar as bandeiras que carregam outros tantos emblemas destas, ao cantar as músicas carregadas de memórias afetivas dos confrontos passados; ao usar gestuais pré-estabelecidos, os indivíduos são mobilizados em torno do imaginário de torcedor pertencente a determinada torcida organizada.

Todos os grupos precisam de símbolos e rituais para sobreviver, manter-se coesos e reafirmar as idéias coletivas que criaram; e é somente assim, através destes signos que as torcidas organizadas conseguem se manter como tais. Afinal, como cita Émile Durkheim (2003, p. 240) “*É soltando o mesmo grito, pronunciando a mesma palavra ou executando o mesmo gesto que eles [os indivíduos] ficam e se sentem em uníssono.*”

Segundo Le Bon, citado em Freud (1920-22[1976]), “*Quando em grupo, o indivíduo tem um “sentimento de poder invencível”.* Isto porque, em grupo os instintos dos indivíduos acabam-se por ser aflorados e muitos destes integrantes são contagiados pelo sentimento grupal, fazendo com que na maioria dos casos, o interesse coletivo sobreponha interesse individual.

Dentro dos padrões de sociabilidade da RRN e TJF então, o conflito estabelece-se como sentimento de pertencimento e identidade, tornando-se regra fundamental de inserção e reconhecimento de membros pertencentes ao seu agrupamento. Tais sentimentos seriam impossíveis de serem vivenciados se estes indivíduos torcessem apenas pelo Clube de Regatas do Flamengo como instituição e não fizessem parte de uma torcida organizada.

O torcedor organizado não é mais um dos milhões de torcedores do Flamengo, ele faz parte de um seletto grupo que veste a camisa da RRN ou da TJF, um grupo que

⁸ Nome dado a torcida do Flamengo - organizada ou não - de uma forma geral.

pode ditar regras de como torcer, de como defender o pavilhão, de como ser flamenguista.

Os integrantes destas torcidas passam a vivê-la, tomam-na como parte integrante de seu cotidiano, moldando-se segundo as regras estabelecidas nas mesmas. Erving Goffman (2008) aponta que toda instituição absorve parte do tempo e dos interesses de seus integrantes e lhes fornece, de certo modo, um mundo; em suma, toda instituição tem tendências abrangentes.

Dentro deste novo contexto, onde o sujeito insere-se quase que completamente nas atividades da torcida organizada, as agressões feitas ao clube não geram tanta indignação quanto as que atingem a torcida organizada, visto que esta é o que dá identidade ao torcedor. Quando torcida organizada e torcedor organizado se confundem na mesma lógica, as ofensas passam a ser tomadas não como um ultraje a torcida, mas sim a ele próprio.

Em meio a esta realidade, não faz mais sentido para o torcedor enxergar - ainda que inconscientemente - nos jogadores de futebol de seus clubes, um símbolo de sua própria honra e masculinidade, algo tão comum outrora. O foco agora parece ser o pavilhão, que como dito, passa a ser ele próprio.

Esta paixão pela torcida, deve também ser (re)interpretada, visto que a relação entre torcidas organizadas é vista como algo definido apenas por uma lógica carismática, algo que poderia ser entendido como patológico ou irracional e que desprestigiaria o sentimento do torcedor. Entretanto, o indivíduo pertencente a estes agrupamentos, vê seu sentimento como amor por sua torcida, um amor incondicional.

As ações oriundas deste amor incondicional, não podem ainda serem compreendidas como meros gestos irrefletidos, afinal, perpassam por uma concepção de interação simbólica. Esta que faz parte da condição humana, quando vista por um ângulo onde as ações individuais são uma elaboração e não apenas uma simples ação impensada de revide. Os indivíduos analisam e decifram as situações antes de agir e assim alinham suas ações segundo estas análises prévias.

O termo interação simbólica se refere, evidentemente à natureza peculiar e característica da interação que ocorre entre seres humanos. Essa peculiaridade consiste no fato de que os seres humanos interpretam ou “definem” as ações uns dos outros, em vez de simplesmente reagir a elas. Sua “reação” não se dá diretamente às ações dos outros: ao contrário, é baseada no significado atribuído a essas ações. Assim, a interação humana é mediada pelo uso de símbolos, pela interpretação ou pela atribuição de significado às ações dos outros. Essa mediação equivale à inserção de um processo de interpretação entre o estímulo e a resposta, no caso do comportamento humano. (Blumer, 2013, p. 76)

Maria Cláudia Coelho e Cláudia Barcellos Rezende (2010, p. 45) nos demonstram ainda que para Simmel, interagir é “*relacionar sua condição com a do outro*”, ou seja, quando agimos sempre pensamos na presença ou existência do outro. As autoras continuam dizendo que toda interação é composta por uma “forma” e uma “motivação”. A “motivação” seria o conteúdo, o interesse ou objetivo do indivíduo que se engaja em uma interação; a “forma” é o modo, um formato por meio do qual aquele conteúdo passa a existir.

Então, o conflito e a briga em si, não são apenas uma resposta irracional ao estímulo, algo impensado, um simples impulso, ela é um objeto, analisado cuidadosamente por cada indivíduo envolvido na ação. Desta forma, a interação entre a RRN e a TJF, pode ser entendida como tendo uma motivação competitiva, em uma forma de conflito.

Simmel (2011) ainda nos lembra que o conflito é uma das principais interações sociais, visto que não pode ocorrer sozinho e desta forma, não deve ser tratado de todo modo como algum ruim, afinal, causa a sociação:

“Se todas as interações entre os homens é uma sociação, o conflito, - afinal uma das interações mais vivas, que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo sozinho, - deve certamente ser considerado como sociação. E, de fato, os fatores de dissociação - ódio, inveja, necessidade, desejo, - são as causas da condenação, que irrompe por causa deles. Conflito é, portanto, destinado a resolver dualismos divergentes, é uma maneira de conseguir algum tipo de unidade, mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio.” (Simmel, 2011, p. 567)

Deste modo, através do conflito, consegue-se enxergar como unidade, unidade esta que, como dito, cria identidade. Entretanto, só se pode ver como um, quando diferente a outro. E é aqui justamente que o sentimento de pertença a TJF ou a RRN perpassa por completo o sentimento de pertença ao clube. Isto porque, ao querer “ser diferente”, “ser mais”, “ser melhor” ou seja, estando em dissonância com o outro, acredita-se que sua forma de torcer tenha valor superior, sendo mais original e a que deve ser seguida.

O conflito violento surge então, como um potente recurso para estabelecer uma hierarquia de vencedores e vencidos, que dará prestígio aqueles que vencerem. Este prestígio não é do grupo, mas também do indivíduo que contribuiu para a vitória. Desta forma, o integrante da torcida organizada tem poder de ação direta sob o prestígio que ele e a torcida virão a ter. Algo que seria muito mais difícil de acontecer, e improvável se a pessoa estivesse apenas torcendo para o time de futebol do Clube de Regatas do Flamengo.

Nesse sentido estar inserido em uma torcida organizada é algo que potencializa a sensação de pertença e dotação de poder de mudança:

“Uma pessoa é membro de um grupo em virtude de não ser membro de outros grupos da mesma espécie. Ela os vê enquanto grupos e os membros destes a vêem enquanto membro de um grupo, e as relações da pessoa com eles são controladas pela distância estrutural entre os grupos envolvidos. (Evans-pritchard, 2013, p.149)

A distância estrutural estaria aqui ligada ao convívio diário que os torcedores tem com os membros das torcidas organizadas e o distanciamento de algum poder de decisão dentro do clube. Evans-Pritchard (2013) ainda apresenta a ideia de quanto menor o grupo local, maior o sentimento que une seus membros; algo que facilmente poderíamos relacionar com a ideia de um pertencimento maior a torcida, do que ao clube de futebol.

Através de simbolismo e ritual, os indivíduos podem sentir uma emoção de intensidade incomum, que provém de sua identificação com uma entidade que os transcende, e de que eles ativamente se sentem parte. nestas ocasiões, os membros ganham força e são capazes de se empenhar em atos heróicos, bem como bárbaros. (Guibernau, 1997, p.94)

Todos estes indivíduos que partilham dos mesmos sentimentos, que se sentem ligados a preceitos correlatos e que tem anseios em comum, precisam criar ocasiões em que celebrem aquilo que os une. Este momento de celebração para RRN e TJF é justamente o conflito deflagrado entre estas duas torcidas organizadas.

3 - Os conflitos

Ser destemida e intrépida também são qualidades essenciais a qualquer torcida organizada, e devem sempre ser exaltadas. Pensar-se invencível e ainda contar com adversários a altura, nos dão pistas de outra disputa em que se inserem TJF e RRN. Estas duas torcidas organizadas, parecem estar constantemente em busca do mais alto posto na hierarquia que qualifica torcidas como “melhores” e “piores”. A relação entre TJF e RRN demonstra-se verticalizada e pautada em uma hierarquia de poder que impossibilita qualquer sentimento de igualdade entre elas. Aquela que sair vitoriosa do confronto será a melhor e o sendo, poderá ditar novas regras de como torcer, arrebatando novos adeptos e assim mostrar-se superior.

A superioridade explicitada aqui, refere-se a torcida, mas mais ainda ao indivíduo que tem sua identidade calcada nesta. Ser apenas um torcedor comum do Flamengo, não geraria sentimento de poder, nem possibilidade de vislumbrar alguma mudança, isto porque, as partidas de futebol nas quais o Clube de Regatas do Flamengo se insere tem regras pré-estabelecidas que de forma alguma poderão ser modificadas por um torcedor.

O conflito deflagrado entre TJF e RRN parece apontar não para esta estabilidade de regras característica das partidas de futebol, mas sim para a contestação da ordem social vigente; uma resposta a impossibilidade de participação em processos decisórios. O torcer organizado não é dócil, é, na realidade, selvagem, enquadra-se como contracultura, é explosão.

As brigas entre TJF e RRN não parecem então estar imbricadas em uma relação exclusivamente de violência e maldade. Não se quer ser o grande vilão, deseja-se, ao contrário, ser bom o suficiente para ser melhor e ter o status elevado. O ato violento não pode ser compreendido como uma ação maléfica, não é apenas um sentimento psicológico e intrínseco ao indivíduo que visa seu prazer egoísta e contemplação de seus anseios individuais interiores. Se assim fosse, o caminho mais próximo para atingir um "clímax" seria a simples aniquilação do adversário. Todavia, aniquilar o oponente representaria não se reconhecer como unidade ou por fim a uma constante (re)afirmação de superioridade, esta sim, que poderia ser compreendida como átomo formador do desejo pelo constante embate.

A violência contida nas brigas entre torcidas organizadas deve ser compreendida como algo voltado a uma categoria abstrata, que é a torcida. Esta violência não é individual ou pessoal. Não se quer a derrota de um indivíduo, quer-se a derrota do grupo. Ainda que a identidade individual se estabeleça nos indivíduos enquanto integrantes destas torcidas organizadas, como já dito, é a afronta ao pavilhão que atinge o indivíduo e não o contrário. Coberto de símbolos e cores da torcida organizada, o torcedor reconhece-se como um grupo, despido de tais significantes, ele não pode ser reconhecido e nem se reconhece como tal, mostrando-se ineficaz qualquer ataque contra este.

Prova disto, é o ocorrido em um jogo em 2014 na cidade de Manaus, onde TJF e RRN entraram em conflito motivados pela concessão do Clube de Regatas do Flamengo de uma carga de ingressos superior para a RRN do que a TJF, como apresenta André Tobias em reportagem ao Jornal Em Tempo de 24 de outubro de 2014:

O que era para ser uma grande festa ficou manchado por conta de uma confusão generalizada entre as duas maiores facções do Flamengo. A Raça Rubro-Negra (RRN) 46ª Região e a Torcida Jovem do Flamengo (TJF) 38º Pelotão protagonizaram cenas de violência em frente ao Quality Hotel, em Adrianópolis, Zona Centro-Sul de Manaus, na noite desta quinta-feira (23).

Presente no local desde cedo, a RRN começou a fazer a festa. Músicas de incentivo ao Flamengo antes mesmo do clube chegar foram entoadas. Minutos depois, a TJF chegou, aos gritos de “acabou a paz, isso aqui vai virar um inferno”. E virou. Integrantes das duas facções trocaram socos, pontapés, utilizaram os rojões e as grades de contenção para lançarem uns aos outros.

O tumulto demorou a ser contido pela Polícia Militar (PM), que contava com quatro viaturas fazendo a segurança do local. Com a chegada de reforços, a briga foi controlada e as duas facções separadas. O clima de tensão tomou conta dos torcedores, que ainda aguardavam a chegada do time carioca.

Questionado sobre o motivo do confronto, o presidente da TJF, que se identificou como Arthur, considerou o tumulto normal, como acontece quando duas torcidas não se gostam. De acordo com ele, há diferença de ideologia entre as duas organizadas e o repasse de uma cota de ingressos para as facções do clube pode ter causado a confusão generalizada.

Há alguns pontos neste fragmento de reportagem que devem ser levados em consideração e se enquadram como achados para o que comentamos até então. Em primeiro lugar, no trecho “*Minutos depois a TJF chegou, aos gritos de ‘acabou a paz, isso aqui vai virar um inferno’. E virou.*” Fica clara a predisposição da TJF para o conflito, algo que como demonstrado, marca sua história desde os primeiros dias de sua criação.

O trecho presente na fala de Arthur, presidente da TJF, dá credibilidade ao que já foi apresentado em relação ao constante estado de conflito e da “visão” e “missão” de TJF e RRN. Arthur considera o tumulto “normal”, sendo motivado por conta das torcidas não se gostarem e terem diferenças ideológicas.

Por último, podemos ainda reparar através da doação de ingressos a interdependência entre o Clube de Regatas do Flamengo e suas maiores torcidas organizadas. A doação de ingressos para as partidas de futebol por parte do Clube é uma prática comum no futebol brasileiro e enquadra-se como vantagem a qual nenhuma torcida quer ver-se livre. Ter uma carga maior de ingressos, significa superioridade, e por consequência, afronta a torcida, que como já dissemos, representa um ataque pessoal ao torcedor organizado. Neste caso, ainda mais, visto que muito de seus companheiros, não poderiam estar no jogo.

Há ainda outras motivações para os conflitos, em 2008 por exemplo, RRN e TJF entraram em conflito nas arquibancadas do Estádio Urbano Caldeira, popularmente conhecido como Vila Belmiro, onde o Santos Football Clube manda seus jogos. Na partida em questão, Santos e Flamengo entravam em campo pelo campeonato brasileiro de futebol em partida que terminaria empatada por 2x2.

Se dentro das quatro linhas o jogo transcorreu de forma tranquila, nas arquibancadas viu-se uma guerra. Tendo as torcidas sido postas no local destinado a torcida visitante, e, devido ao pouco espaço, TJF e RRN ficaram muito próximas. A disputa de cânticos ocorria normalmente até que membros da RRN viram integrantes da Torcida Independente⁹ misturados a TJF e iniciaram o conflito.

Os membros da Torcida Independente não estavam ali camuflados, vestiam as roupas de sua torcida e foram convidados pela própria TJF para torcerem juntos por uma vitória do Flamengo e consequentemente uma derrota do Santos. Fato que não agradou a RRN e motivou o conflito.

⁹ A torcida independente é uma torcida organizada do São Paulo Futebol Clube

Esta prática de ter "torcidas amigas" de times de outros estados demonstra que a forma de torcer ou a identificação que se tem com a torcida perpassa e muito os mesmos sentimentos relacionados ao Clube de Regatas do Flamengo e até mesmo o resultado da partida em questão. Digo isto, pois é comum ver nos jogos em que se enfrentam Clube de Regatas do Flamengo e São Paulo Futebol Clube, a TJF e a Torcida Independente torcendo de forma conjunta nas arquibancadas, sem serem adversárias e, ao final da partida, indo comemorar de forma conjunta o resultado - seja lá ele qual for.

O confronto mais recente ocorrido entre TJF e RRN data de três de outubro de dois mil e dezesseis, quando em um jogo pelo campeonato nacional de basquete as duas torcidas colocaram-se a brigar no pequeno ginásio do Tijuca Tênis Clube.

Este conflito mostra-se interessante para análise por conta de alguns motivos relevantes. O primeiro deles é que o jogo, mesmo sendo contra o Club de Regatas Vasco da Gama, maior rival do Clube de Regatas do Flamengo, tinha torcida única. Apenas torcedores do Flamengo puderam ocupar os poucos 4.000 lugares do Ginásio. O jogo acontecia de forma tranquila, com o Flamengo dominando o jogo durante todo o tempo. No final do segundo quarto¹⁰, TJF e RRN entraram em um conflito generalizado, obrigando a interrupção do jogo. Mesmo que em quadra enfaticamente os jogadores de ambos os times tentassem pedir para que as torcidas organizadas parassem com o ocorrido, a intervenção da Polícia Militar foi necessária. Somente com o uso de spray de pimenta o conflito pode ser controlado. O jogo teve então que ser paralisado por mais de uma hora, e quando retornou, o Clube de Regatas do Flamengo sofreu uma virada no placar, tendo perdido a partida.

Novamente reparamos que o resultado ou o transcorrer da partida dentro de quadra ou campo, tem significado diminuto em relação a ação das torcidas organizadas. A performance do time parece ter pouca relação com a performance dos torcedores organizados. Estes, agem prioritariamente segundo interesses coletivos de suas próprias torcidas organizadas, ainda que de algum modo, mantenham relação com o time. A relação entre o Clube de Regatas do Flamengo e suas duas maiores torcidas organizadas mostra-se assim como algo estrutural, não sendo possível separá-las por completo, havendo uma dependência bilateral.

Quando RRN ou TJF atingem-se, se traz à tona a falha uma hierarquia, o que possibilita através da vitória nos conflitos, ser alçado ao posto de "dona" do título de melhor torcida. Através de um constante "sobe e desce" na hierarquia, podemos notar uma permanente necessidade de continuidade nos conflitos, com intuito que não haja uma hegemonia, ainda que internamente os líderes devam estabelecer hierarquias...

Deveríamos interpretar o conflito então, como uma "dívida", sabendo que ter uma dívida é sempre estar em relação. Porém, ainda que estando em uma relação, ter uma dívida significa estar em posição inferiorizada, onde se reconhece que o outro tem/pode mais, uma vez que ainda não se retribuiu este algo que o outro deu. Dentro deste movimento, a torcida organizada em "dívida", encontra-se em status inferior até retribuir a ação. E caso não retribua poderá ser tomada por sentimentos de humilhação.

Na humilhação, não é mais a torcida quem ela pensava ser, mas alguém inferiorizado diante de todos, pois como aponta Maria Cláudia Ribeiro (2010, p. 93) *"receber um presente sem esforçar-se por retribuir dramatizaria a aceitação se um lugar de submissão em uma relação marcada pela hierarquia."*

Então, o conflito interpretado desta forma - como uma dívida -, e esta, representando uma relação, demonstra que os constantes embates entre TJF e RRN, estariam estabelecidos em uma lógica Maussiana de "dar, receber e retribuir". O

¹⁰ Partidas de basquete são divididas em quatro quartos de 10 minutos cada.

conflito funcionaria desta forma, tendo a constante intenção de nunca se considerar “abaixo” ou “pior” na estrutura social de trocas vigente.

Conclusão

Através da lógica interpretativa desenvolvida até aqui, é possível sustentar uma análise do conflito entre TJF e RRN segundo o princípio da dádiva, onde para Marcel Mauss (2015), as prestações primitivas revestem-se em forma de dádivas, de presentes, reguladas por três obrigações interligadas: dar, receber, retribuir (Mauss, 2015, p. 200-243). Cada uma dessas obrigações cria um laço de energia espiritual entre os atores da dádiva.

Dar é uma obrigação; recebe-se pois caso não se aceite a dádiva demonstra-se não ser digno da mesma; e, retribui-se a dádiva, por conta da existência de uma força contida dentro da coisa dada: um vínculo de almas, associado de maneira inalienável ao nome do doador, ou seja, ao seu prestígio. A essa força ou ser espiritual ou à sua expressão simbólica ligada a uma ação ou transação, Mauss dará o nome polinésio de *mana*.

Todo o conflito entre TJF e RRN parece ser de fato dotado de *mana*, visto que o primeiro conflito deflagrado - seja lá qual tenha sido - teve transmissão de um vínculo, de uma força espiritual com expressão simbólica, isto pois, o doador considerou a outra torcida digna de prestígio suficiente para receber tal dádiva.

O prestígio torna-se então fator fundamental na discussão apresentada, pois o conflito somente ocorre se a torcida organizada rival for considerada digna de honra suficiente para que se estabeleça uma relação de conflito, o que claramente ocorre entre TJF e RRN.

Para que haja desafio é preciso que aquele que lança considere o que o recebe digno de ser desafiado, isto é, capaz de receber o desafio, que o reconheça, em sua, como seu rival de honra. Desafiar alguém é reconhecer-lhe a qualidade de homem, reconhecimento que é condição de qualquer troca e do desafio da honra como primeiro momento de uma troca; é reconhecer-lhe também a dignidade do homem de honra porque o desafio, como tal, requer a resposta e, por consequência, dirige-se a um homem considerado capaz de jogar o jogo da honra e de o jogar bem, o que pressupõe primeiro que ele lhe conhece as regras e, depois, que possui as virtudes indispensáveis para as respeitar. (Bourdieu, 1971, p. 62)

Deste modo, TJF e RRN não se predispõem a entrar em conflito com torcidas menores pois estas não são dotadas de honra suficiente para entrar neste “jogo de trocas simbólicas” que é o conflito entre as torcidas.

Talvez, entrando em um conflito deste tipo, estas torcidas maiores correriam o risco de até verem suas próprias honras serem manchadas, visto que convidaram para um conflito alguém que não teria como responder à altura o embate proposto, podendo até aniquilar quem foi desafiado. E, como já foi apresentado, aniquilar não é interessante, pois significaria acabar com a dívida, o que por sua vez, dentro da lógica das torcidas organizadas, faria cessar as relações.

Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros (Mauss, 2015:263). O mesmo autor ainda nos apresenta que todas essas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, formam uma linguagem, pois só podem ser compreendidas porque todo o grupo as entende, e uma ação simbólica. Esse caráter coletivo é grandemente marcado por cerimônias públicas que possuem regras

próprias e fazem parte do ritual da vendetta e da determinação de responsabilidades, pondo em ação sentimentos e emoções construídos coletivamente, o que permite, entrever a própria coletividade em interação. (Idem, 1979:149-53)

A linguagem de TJF e RRN, pauta-se através da disputa e as cerimônias publicas com regras publicas que se qualificariam como ritual, seriam justamente o conflito, seja físico, gestual ou oral. O conflito não só precisa sempre estar presente para a criação de vínculos, mas sobretudo, é por excelência a representação do modo de relação destes grupos.

A conflito assim, apresenta-se em meio a uma relação deficiente de mediação em um contexto no qual as pessoas se confrontam como indivíduos pertencentes a um grupo para defender a honra de si próprios, que por sua vez é representada pelo pavilhão ao qual fazem parte.

Dispensa-se então qualquer tipo de intermediário, abandonando completamente estatutos e regras que engendrariam uma desinteressante ordem ou igualdade, com a qual não poderiam existir o título de melhor torcida organizada. A violência então, conduz à uma constante mudança de posições na hierarquia, dando destaque a quem momentaneamente tiver maior sucesso no conflito.

Os indivíduos agem por diversos motivos - interesse, paixão, vontade de poder, etc. O indivíduo não se explica apenas por referência a si mesmo, mas também em relação à interação com os outros, seja influenciando-os ou sendo por eles influenciado. E finalmente, as atividades humanas se desenvolvem em formas, dentro de configurações sociais (instituições) como o Estado, a Igreja ou a escola, ou segundo formas gerais como imitação, competição, conflito, estruturas hierárquicas etc. (Freund, 1980, p. 217)

Tanto a partida de futebol em si, quando os conflitos entre as torcidas organizadas, podem ser considerados como jogos absorventes, onde há representação da virilidade masculina e defesa da honra destes integrantes/torcida. Deste modo, assim como na briga de galo balinesa descrita por Clifford Geertz (1989), os espectadores dos jogos em estádios são absorvidos pela disputa dentro das quatro linhas e os torcedores organizados são absolvidos pelo conflito ocorrido fora de campo.

Da mesma forma que a América do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe, numa pista de corridas ou em torno de uma mesa de pôquer, grande parte de Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali - na verdade, são os homens que se defrontam. [...] Bateson e Mead sugeriram até, levando em conta a concepção balinesa de corpo como partes separadas animadas, que os galos eram vistos como pênis separados, autofuncionáveis, órgãos genitais ambulantes, com vida própria. Embora eu também não disponha do tipo de material inconsciente que possa confirmar ou não essa noção integrantes, o fato de que eles são símbolos masculinos *par excellence* é tão indubitável e tão evidente para os balineses como o fato de que a água desce pela montanha. (Geertz, 1989, p. 188-189)

As torcidas organizadas se tornam então os símbolos masculinos, símbolo da virilidade e honra de cada integrante. O conflito demonstra sempre uma tentativa de superioridade de um dos lados, dentro de campo você é representado, fora de campo você é identificado, é você quem defenderá a sua honra e consequentemente a honra de sua torcida.

Michel Maffesoli fala que *“a existência de um grupo fundamentado num forte sentimento de pertença necessita, para a sobrevivência de cada um, que outros se criem a partir de uma exigência da mesma natureza”*. (Maffesoli, 1987, p. 197). Ou seja,

somente através da reivindicação de formas mais originais de torcer que RRN e TJF podem existir. É justamente ao serem diferentes e entrarem em conflito que elas se reconhecem como grupo e produzem seus sentimentos de pertença. Maffesoli ainda apresenta o conceito de par “atração-repulsão”, afirmando que podemos notar em qualquer lugar grupamentos “que se apóiam na consciência, sutil mas enraizada, do sentimento de pertença e/ou do sentimento de diferença”. (Idem, 1987, p. 198).

Maria Cláudia Coelho (2010) diz ainda que a emoção e sua expressão são componentes centrais na construção de projetos de pessoas das camadas médias urbanas, marcados pela tensão entre a individualização e o pertencimento.

Arelado a isto, como visto, temos ainda a necessidade constante da TJF e da RRN de galgar a posição de maior destaque dentro da hierarquia, demonstrando aquilo que Erving Goffman (1961:78), chamou de "um banho de sangue de status". Literalmente.

Referências

Anderson, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras 2008.

Blumer, Hebert In Coelho, Maria Cláudia (org). *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

Bourdieu, Pierre. O sentimento da honra na sociedade Cabília. In: J. G. Peristiany, *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrânicas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1971.

Buarque de Holanda, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995

Coelho, Maria Cláudia (org). *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

Coelho, Maria Cláudia; Rezende, Cláudia Barcellos. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

Coutinho, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: O Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. 2013. 196 f. Tese (Doutorado em História). Niterói: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2013.

DaMatta, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

Durkheim, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Evans-Pritchard. E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Freud, Sigmund. *Mais Além do Princípio do Prazer (1920-22)* - v. 18. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freund, Julien. A sociologia alemã à época de Max Weber. In: Tom Bottomore, & Robert Nisbet, (orgs.). *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

Geertz, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

Goffman, Erving. *Encounters: Two Studies in the Sociology of Interaction*. Indianapolis: Bobbs-Merrill Company, Inc., 1961.

- Goffman, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- Guibernau, Montserrat. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- Mauss, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- Mauss, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: Roberto Cardoso de Oliveira, (org.). *Mauss. Antropologia*. São Paulo: Ática, 1979.
- Monteiro, R. A. de. *Torcer, lutar, ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! : Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- Hollanda, B. B. B. de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- Radcliffe-Brown, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- Simmel, Georg. O conflito como sociação. (Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury). *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, p. 568-573, 2011.
- Simmel, Georg. O problema da sociologia. In: Evaristo Moraes Filho, (org.). *Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1987.
- Teixeira, R. C. *Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2003.

